

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário Comércio Indústria Class.: 05

Data: 28.11.85 Pg.:

190

Rios Amazônicos

Do Negro ao Amazonas, uma rota de aventuras

Manaus é como as demais cidades amazônicas: clima quente e úmido, com grandes rios direcionando a vida de parte significativa da população. Para conhecer a rotina fluvial, nada melhor que fazer um tour do Negro à lagoa January. Ou esticar até a tribo dos Wai-Wai.

Santamaria Silveira/Via Vasp

As imensas florestas amazônicas, visíveis por mais de duas horas de voo, ficam longe dos olhos dos turistas, a não ser daqueles que se dispõem a cumprir roteiros especiais e longos. Também os índios não são atrativos turísticos; no entanto, uma visita à tribo Wai-Wai às margens do rio Cueiras, pode ser realizada na barca Tunã. Nela trabalham ecólogos, zoológicos e botânicos franceses, além de dois convidados: um pesquisador do INPA - Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia e um sertanista da Funai - Fundação Nacional do Índio.

"Este projeto somente se tornou turístico para poder ser viabilizado", explica Thérèse Daul, promotora da Tunã. Ele surgiu quando François Corbineau realizou uma série de documentários sobre a Amazônia e o filme "Terra de Ninguém", conseguindo aglutinar, em torno de si, franceses residentes no Brasil com igual interesse pela região, explorada agora em safáris ecológicos de 12 dias.

Na Tunã, o turista é colocado frente a frente com a realidade amazônica, e amparado pela explicação de estudiosos e de uma biblioteca de bordo especializada nos assuntos ligados à região. "Até o cardápio", diz Thérèse, "procura seguir os sabores locais: tucunaré, pirarucu, pacu e matrinhã, acompanhados de sucos de frutas típicas, como graviola e cupuaçu".

Quem não tiver tempo para seguir os contêrrâneos de Jacques Cousteau, dispõe de outras alternativas para conhecer um pouco mais sobre os índios da Amazônia no seu museu (Rua Duque de Caxias com 7 de Setembro), organizado e mantido pelas freiras salesianas. Em cinco salas é possível ter uma visão abrangente da cultura indígena. Nas vitrinas ficam expostas redes de cipó, enfeites e adornos diversos, máscaras fúnebres, flautas de osso e bambu, cerâmicas e cestos de grande plasticidade, entre outros objetos.

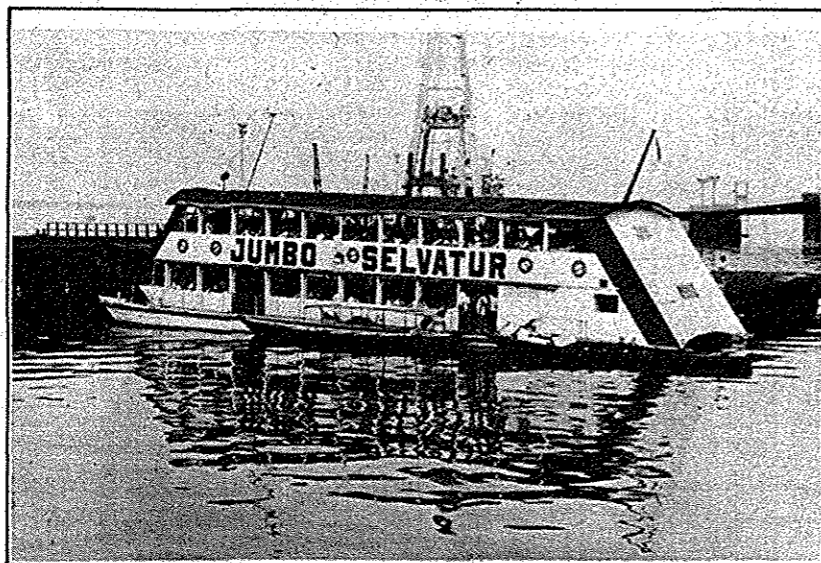


Foto: Santamaria Silveira

No recreio, as surpresas dos rios amazônicos

Nesse Museu do Índio é comercializado artesanato indígena variado: colares de contas nativas, flautas, cestos e cocares. A Casa da Arte Indígena - Funai (Rua Marquês de Santa Cruz, próxima da Capitania dos Portos) e a Loja Beija-Flor no centro de Manaus também possuem grande variedade de objetos em cerâmica, bambu, madeira, osso, plantas e perfumes nativos, e até animais empalhados.

RIO ACIMA

Como os rios são os principais meios de locomoção, nada mais indicado que o turista prove do transporte fluvial. Os roteiros mais procurados são os de quatro horas, como os promovidos pela Selvatur. Ele começa no porto de Manaus (às 9 horas), que com seu pier de concreto flutuando, apoiado em bóias que acompanham a oscilação do rio, forma um espetáculo à parte.

O passeio é realizado em barcas de dois andares ou recreios como são chamadas, com capacidade para 500 pessoas. O itinerário segue pelo rio Negro, de água incrivelmente escura e ao mesmo tempo transparente, se colocada num recipiente. Esta coloração incomum é resultante da acumulação de detritos vegetais em seu leito, e formam um impressionante contraste com as praias de areias amareladas de suas margens, comuns nessa época de vazante. O Negro ainda oferece uma vantagem especial: o ácido húmico, que evita a concentração de mosquitos, pernilongos, borrachudos e similares, que tanto incomodam o visitante urbano. "Por isso não há necessidade de vacina contra febre amarela", afirmam os amazonenses.

Em 30 minutos, o recreio atinge o "Encontro das Águas", isto é, o local de reunião dos rios Negro e Solimões, que por mais de 20 quilômetros caminham juntos sem se mesclarem devido

à diferença de temperatura, corrente e densidade das suas águas. Depois que os opostos se unem está formado o rio Amazonas, o maior do mundo em volume de água (lança 200 mil metros cúbicos por segundo no Oceano Atlântico), privilegiando a fertilidade já que, com o ácido húmico, poucas espécies de peixes vivem nas águas do rio Negro.

Ao longo de todo o trajeto, é possível conhecer a rotina fluvial: barcos-postos de combustível, casas ou comunidades, barco-hospital, mercado ou simplesmente utilizado para transporte normal. Atualmente a região amazônica atravessa seu período de maior estiagem, quando os rios chegam a baixar nove metros, deixando à mostra os "esqueletos" das casas de palafitas.

DOIS ROTEIROS

Na lagoa January, o recreio da Sel-



vatur faz uma escala para compras de artesanato indígena. No mesmo local, são comercializados animais silvestres, de papagaios aos bichos-preguiça. Geralmente, o turista ignora as normas do IBDF para transportar estes animais e improvisa um recipiente para carregar no avião. As vias legais incluem preenchimento de formulário e pagamento de taxa no IBDF (Praça da Suframa) e exame no GEP (Rua Maceió) para expedição do atestado de sanidade.

Junto à lagoa estão previstos dois roteiros, um por terra, outro por água. No primeiro, os visitantes percorrem uma picada de dois quilômetros até um pequeno lago, onde flutuam as gigantescas vitória-régias, com cerca de um metro de diâmetro. Sua parte interna é de um verde mais claro, e a externa de um tom mais escuro e repleto de espinhos, cuja função é proteger a planta da voracidade dos peixes.

O botão da vitória-régia também é incomum. Suspenso por uma grande haste, apresenta no primeiro dia a cor branca, e no segundo uma coloração lilás. Somente desabrocha ao entardecer, fechando novamente pela manhã.

O segundo passeio proposto pela Selvatur é um tour pela lagoa em pequenos barcos motorizados. Até o

início das cheias, em abril, não é possível ver igapós (matas inundadas), pois o rio avançou para a terra e o capim que normalmente bóia nas águas, está enrodilhado nas árvores. Mas, sem esperar, esta paisagem pode ser alterada com a chuva inesperada. O céu escurece e a água cai impiedosa, encrespando a tranquilidade da lagoa.

Depois do almoço, começa o retorno para Manaus. A equipe da Selvatur gravou em videocassete todo o passeio e exhibe para os turistas durante a volta. Infelizmente a tecnologia, neste momento, rouba das pessoas a oportunidade única de conviver com a natureza. Enquanto elas prestam atenção ao filme, deixam escapar a beleza do salto de um boto preto ou de um vermelho nas águas do rio Negro.

Muitos animais silvestres nos roteiros turísticos